

TIAGO REBELO

*EU E AS MULHERES
DA MINHA VIDA*

ASA

O FACTOR BELLUCCI

A pergunta era bem mais complicada de responder, se lhe déssemos uma conotação séria, mas numa almoçarada entre velhos amigos, só homens, que acontecia de tempos a tempos, bastava-me um pouco de bazófia machista. Porque é que um homem trai a sua mulher? Pela mesma razão que sobe à montanha: porque ela (a outra) está lá.

O meu nome é Zé, tão banal quanto a minha vida. Funcionário bancário, acomodado a um emprego razoavelmente bem pago, mas sem nada fazer para conseguir a promoção que já poderia ter vindo há muito, aconteceu-me passar pela vergonha de só ver a minha dignidade profissional ser defendida pelo meu filho, de nove anos. Um dia, o Quico esmurrou um colega por minha causa. O outro disse-lhe que o seu pai era melhor do que o dele e, bem, basicamente, que eu não prestava para nada. É daquelas situações que dão que pensar. Por razões óbvias, não podia enaltecer a atitude do meu filho. Vontade não me faltava, mas como também não estava disposto a admitir que, de facto, eu não era grande coisa, fiquei-me pelo sermão da ordem e expliquei-lhe que os problemas não se resolvem ao murro. Mas confesso que me senti deprimido. Ali estou eu, meio deitado no sofá, ao serão, agarrado ao comando da televisão, obeso e relaxado, ao lado da minha mulher obesa e rela-

xada — estão a reconhecer a cena? —, sem qualquer interesse por nada, sem força anímica para coisa alguma, deixando-me hipnotizar pela televisão. Não me orgulho de o dizer, mas é necessário reconhecer, o meu lugar no sofá tinha a forma do meu corpo. E é preciso vir o meu filho e pumba, dar um murro no colega para me abanar a consciência.

Verdade seja dita, o murro do meu filho não foi suficientemente poderoso para mudar a minha vida. Funcionou assim como uma chamada de atenção, mas mudar não. Se mudássemos de cada vez que algo nos abala, não fazíamos mais nada na vida, pois não? Exacto. E eu já me habituara tanto a não fazer nada de especial que mais vergonha, menos vergonha não ia mudar coisa nenhuma. Para mim, a felicidade era aquilo que eu tinha, uma existência fácil, resignada, um emprego seguro, uma mulher que me amava, um filho que me defendia. Era pouco ambicioso, bem sei, mas talvez a felicidade não passasse disto, ou talvez eu não acreditasse na felicidade dos livros e dos filmes, que nos fazem pensar que podemos concretizar todos os nossos desejos, desde que tenhamos força de vontade e coragem para nunca desistirmos. Os livros e os filmes ajudam-nos a ter uma perspectiva mais positiva do mundo que nos rodeia, provocam a nossa imaginação, desafiam-nos a sair dos casulos em que temos tendência para nos enfiarmos por nos parecerem mais seguros, como se os nossos problemas desaparecessem só por nos escondermos atrás de uma rotina tranquila e inofensiva. Fosse como fosse, eu não pegava num livro há anos e não ia muito ao cinema. E, nessa época, quando decidi ir, deu asneira.

Como muitas vezes acontece na nossa vida, a minha deu uma enorme cambalhota quando eu menos esperava. A esta improvável reviravolta chamei, ainda que em segredo, o Factor Bellucci. Bellucci, aliás Cátia-super-parecida-com-a-Mónica-Bellucci, era a deusa do banco, a mulher mais bonita entre nós, mortais bancários. Cátia caminhava acima de nós,

noutro patamar, com umas pernas compridas que não podiam ser reais. Eu costumava vê-la passar nos corredores do banco e não me lembro de alguma ocasião em que, tendo-me cruzado com ela, não tivesse ficado a olhar. Era simplesmente impossível seguir em frente sem dar uma espreitadela discreta por cima do ombro. Discreta achava eu, claro, pois surpreendi muitos dos meus colegas a fazerem a mesma figura de parvos. Em todo o caso, quando nos cruzávamos trocávamos um bom-dia ou boa-tarde sem história e lá íamos à nossa vida. Não havia conversa, eu não tinha conversa para ela, imaginava-me a arriscar-me a meter-me com ela e tinha a certeza de que iria arrepender-me para sempre. Ela era demasiado bonita e eu demasiado patético, ou, nessa época de fraca auto-estima, achava que sim.

Como é que Cátia se tornou minha amante é uma história não muito comprida que saberão mais lá para a frente. O que interessa agora é que foi muito mais fácil do que eu estava à espera — embora eu nem sequer estivesse à espera — e aconteceu na mesma altura em que fui promovido a director — que também não estava à espera. Algumas almas mais cínicas estarão a pensar *ah, pois...* mas enganam-se. O primeiro contacto transcendente com esta mulher incrivelmente bonita foi *antes* da minha promoção. Não nego que o sexo veio depois, mas, que diabo, o trabalho de sapa já estava feito. Moral da história: não há mulheres impossíveis, eu é que não sabia. E não sejamos hipócritas, o primeiro homem que nunca pensou em enganar a sua mulher que atire a primeira pedra. E a primeira mulher que nunca pensou em desembaraçar-se do seu marido que... *okay*, deve haver algumas, não atirem pedras.

Agora, olhando para trás, não tenho dúvidas em dizer que foi um erro. E também não tenho a menor dúvida de que foi um daqueles erros muito, mas mesmo muito difíceis de evitar. A beleza de Cátia, a excitação, o sabor a vitória, tudo isso foi inebriante nos dias subsequentes à grande queca. Andava

extasiado com a enormidade da minha conquista. Quer dizer, não se tratava apenas de uma mulher vulgar, gira, engraçadinha, por quem nos entusiasmos e pode ou não acontecer irmos parar à cama dela, se não travarmos a tempo e dissermos, tenho que ir para casa senão a minha mulher mata-me. Reparar, a alcunha de Cátia no banco era Bellucci, isto não vos diz nada? Claro que os tipos mais ressabiados referiam-se a ela como a burra da Bellucci, mas todos sem excepção adorariam estar no meu lugar — se soubessem, evidentemente.

Cátia não era burra, o problema de Cátia, que me favoreceu no início e me tramou no final, era a solidão. Parece um paradoxo, mas se virmos melhor não é assim tão estranho. Cátia nascera abençoada por uma beleza acima da média, podia ter-se tornado modelo internacional, actriz de cinema, apresentadora de televisão, enfim, podia ter alcançado a fama e a fortuna, mas isso não acontecera talvez por não ter vocação para nenhuma dessas profissões ou, simplesmente, porque nunca fora descoberta. Cátia vivia sozinha em Lisboa, longe da família e dos amigos e tinha um emprego banal. Era bonita, mas tímida e sem o menor jeito para usar a seu favor essa vantagem, para a esmifrar o melhor possível. Em última instância, a beleza só lhe trazia contrariedades, pois intimidava os homens e afastava-os e aguçava a inveja das mulheres.

A solidão de Cátia tornou-a tão dependente de mim que começou a ser asfixiante. Sabem quando adoramos uma música linda que, a partir de certa altura, de tanto a ouvirmos passamos a achá-la enjoativa? Pois, já vejo sobrolhos levantados, não foi o melhor exemplo, Cátia era uma pessoa, não era uma música nem uma lata de Coca-Cola que deitamos fora quando já não nos apetece mais. Mas que a relação com ela transformou-se num problema de grandes proporções, isso é um facto indesmentível. E que eu não a amava, também. Eu adorava o conceito, ter um caso com a mulher mais bonita do banco,

e como tal não queria abrir mão dela, mesmo sem saber o que fazer com ela. Andava baralhado e a afundar-me num problema que acabou por deixar-me numa situação impossível.

Cátia não foi a única. Como se estivesse empenhado em complicar ainda mais a minha vida, comecei a sair com outra mulher. Havia um certo deslumbramento a conduzir as operações. Apesar de todas as dificuldades, do cansaço, de me distrair das responsabilidades do meu novo cargo no banco, que me solicitava disponibilidade e concentração totais, eu era um homem novo, ou melhor, eu era como um jovem exuberante a descobrir as possibilidades da vida, a descontração em pessoa, caminhando em cima do arame.

Poder-se-ia dizer que eu entrara na crise dos quarenta, só que tudo isto estava a acontecer-me nos meus trinta e cinco, de modo que, se era esse o caso, eu tinha-me adiantado cinco anos. Mas, a avaliar pelos sintomas, era mesmo a crise dos quarenta. O meu filho acordara-me de uma longa letargia com a força de um murro na barriga — e no nariz do colega dele — e eu assustara-me com aquilo em que estava a transformar-me. O tempo estava a correr e eu, acomodado, tinha parado algures, não sabia bem onde. Os sintomas: o meu casamento não era bom nem mau, simplesmente não me incomodava, a minha mulher já não se esforçava para me seduzir e eu gostava dela mas não me entusiasmava com ela. O emprego era isso, só um emprego, um mal necessário, um lugar onde passava os dias fazendo o menos possível para não morrer de fome. Nada de carreira cheia de stresse, nada de pedalar a duzentos por cento para marcar a diferença, para ultrapassar a malta toda e ser considerado o próximo tipo a promover. Em casa preferia adormecer no sofá em frente à televisão; no banco preferia bater as teclas do computador com dois dedos, fitando o ecrã como um sonâmbulo.

A maioria das pessoas que ganham o primeiro prémio do euromilhões fica extasiada de felicidade, se bem que depois não

faça a menor ideia do que fazer com aquele dinheiro todo, para além das compras da ordem, um carrinho, uma casinha e tal. Eu senti-me exactamente da mesma maneira. Fui promovido sem o merecer, tive sucesso com as mulheres sem fazer nada de especial para isso e, bem, geri a minha nova situação de um modo desastrado. A parte boa é que pelo menos agora já não andava a boiar na pasmaceira, já não era o cromo do sofá e o meu filho já não precisava de esmurrar os colegas porque os pais deles eram melhores do que o dele.

Mas novas questões se colocavam. Como desfazer a embrulhada em que me metera ao iniciar o caso com Cátia e, já agora, como resolver o caso com a minha segunda namorada do momento, que me obrigava a entrar em autênticas loucuras por umas horas de sexo — sexo bom, há que admiti-lo; perguntava-me se queria ficar com uma, com as duas ou com nenhuma; como salvar o meu casamento, se é que, no fundo, o queria mesmo salvar; como encontrar um equilíbrio, de maneira a conseguir ter rendimento no banco e provar que a promoção para o meu novo cargo não havia sido afinal um mero erro de *casting*. Eu precisava de me organizar e isso, conforme vim a descobrir, era o mais difícil de tudo. Que diabo, de repente eu tinha três mulheres, um filho, um gabinete novo e carro de empresa. O que é que poderia querer mais? Talvez um pouco da paz de antigamente?

Agora, passados uns anos, depois de tudo acontecer, não garanto que seja muito mais feliz, mas sou um homem diferente. Perdi coisas boas, ganhei outras igualmente boas. Passei por uma fase difícil, tomei decisões erradas e redimi-me com outras tantas correctas. Já não me abrigo no conforto do meu sofá, agarrado ao comando da televisão, anestesiado, sem me permitir pensar, nem que vagamente. Consegui libertar-me dos meus medos, das minhas inseguranças e prefiro acreditar que a felicidade se vai construindo desde que nos esforcemos por

EU E AS MULHERES DA MINHA VIDA

isso. Descobri que quando estamos satisfeitos com o pouco que temos e já não nos abana a vontade de conquistar nada, já não nos interessamos por nada, estamos metidos num bom sarilho. Contudo, houve alturas em que morri de saudades de pelo menos uma parte dessa minha existência fácil, prostrada e desinteressante. A vida é mesmo assim, não é? Somos tentados pelo desconhecido e mordidos pela nostalgia do passado.

UM

«Merda», resmungou Zé, ao ver pela manhã a sua fraca figura reflectida no espelho da casa de banho, enquanto se coçava distraidamente entre as pernas, «estou velho». Tinha trinta e cinco anos. Ouviu Graça a refilear com o miúdo para que se vestisse, mas não ligou. Era apenas a música de fundo do costume. Passou o rosto por água para se barbear. Contemplou com tristeza a barriga e encolheu-a num esforço ilusório para se fazer magro, até lhe faltar o ar e ser obrigado a deixar cair as banhas novamente para o seu estado natural. Inclinou-se um pouco para a frente e passou uma mão impotente pelo cabelo. *Zé, pensou, há uma auto-estrada a avançar pela tua cabeça.* Não passava de um princípio de careca, a partir de trás, mas achou que já era uma catástrofe. Fez um esgar de desânimo e encolheu os ombros. Depois começou a espalhar lentamente o sabão pelo rosto para fazer a barba com a mesma lâmina descartável que usava havia uma semana, porque só de manhã reparava que se tinha esquecido de comprar lâminas novas na véspera.

Graça surpreendeu-o com três pancadas fortes na porta da casa de banho.

— Vais chegar atrasado! — ouviu-a dizer do outro lado da porta.

— Merda — rosnou, vendo que se cortara no queixo com o sobressalto. — Sim, querida... — suspirou.

Um fio de sangue escorreu-lhe pela cara e, sempre que isso acontecia, era um sarilho. Agora, aquela porcaria nunca mais ia parar. Quando se cortava a fazer a barba, ia para o banco com papelinhos colados à cara e tinha de ouvir piadinhas estúpidas dos colegas logo pela manhã. Mas hoje não, hoje haveria de se lembrar de tirar o papelinho antes de chegar ao escritório.

Saiu do banho irritado com as pequenas gotas de sangue que pingaram do queixo para o tapete, manchando-o de vermelho-vivo. Rasgou um bocadinho de papel higiénico e colocou-o na ferida para a estancar.

Pôs o relógio no pulso. Oito e trinta da manhã. Não queria chegar atrasado, prometeu a si próprio que não se atrasaria. E cumpriu.

Nove e trinta. Não só chegara a horas, como também antes do sacana do chefe. Zé sentou-se à secretária, ligou o computador, espalhou uns papéis por cima da mesa e recostou-se na cadeira a desfrutar daquela pequena vitória.

— Ó Figueiredo — chamou-o o colega, o Pestana, um cretino, na opinião de Zé. — Eu sei que tens cara de cu, mas escusavas de deixar bocados de papel higiénico agarrados ao queixo quando a limpas.

Merda!, pensou, *esqueci-me outra vez do papelinho.*

— Ah, ah, que engraçado — respondeu-lhe, azedo. — Cortei-me a fazer a barba.

Cara de cu, o caraças!

Pronto, tinha a manhã estragada. Mas porque é que não mandava o Pestana pôr-se na alheta quando o tipo o vinha chatear? Zé sabia bem a resposta: porque não era capaz de ofender ninguém, *porque és um tanso!!!* pensou, desconcertado.

Dez horas. Ainda não tinha feito nada, nadinha, nem sequer escrevera uma vírgula. Já sabia que ia ficar perturbado

o resto do dia por causa daquilo do Pestana. O que o incomodava não era o Pestana, era a sua própria incapacidade para responder às provocações do colega.

— Bom dia, Figueiredo.

— Bom dia, chefe.

— Aquele *dossier* da agência de Setúbal já está pronto?

— Praticamente, chefe.

— Veja lá, Figueiredo, que eu preciso disso para ontem.

— Esteja descansado, chefe.

Quando o chefe pedia alguma coisa, era sempre para ontem, mesmo quando não era. O chefe era todo palmadinhas nas costas, todo sorrisos hipócritas, mas sempre a lixar-lhe a vida. «Desculpe lá Figueiredo, mas este ano não há aumentos para ninguém, só reajustamentos. Se não fosse aquela coisa da guerra do Iraque. Mas vai ver que para o ano já estaremos melhor.» Para o ano, ah! No ano passado tinha sido a mesma conversa, mas com «aquela coisa do 11 de Setembro» tudo servia de desculpa para enrolar os sindicatos nas negociações. Se o banco passara alguma vez por uma aflição, Zé nunca tinha dado por nada. Tretas. Por isso, o chefe que esperasse pela porcaria do relatório da agência de Setúbal. *Não há dinheiro, não há palhaços, e este palhaço vai mas é almoçar*, pensou Zé. Mas olhou para o relógio e ainda nem era meio-dia. Bom, não podia sair já, mas também não tencionava fazer a ponta de um corno até à uma da tarde.

Foi almoçar sozinho, ali a dois passos do banco, numa pastelaria na Avenida da Liberdade que servia uma sopa do dia catita e uns croquetes aceitáveis. Sentou-se numa mesa solitária a cismar com o Pestana, preocupado com a possibilidade de o colega ter contado aos outros que o apanhara com um papeliinho na cara e lhe chamara «cara de cu». Pensando melhor, o mais provável era o Pestana nem se ter lembrado mais disso. Zé tinha aquela tendência para achar que as pessoas estavam

sempre a julgá-lo e a falar dele nas costas. *Chama-se a isso insegurança*, recriminou-se.

Olhou para a porta da pastelaria e viu a Bellucci. Ficou com a colher da sopa a meio da boca aberta, a mão a tremer e o coração exaltado. A Bellucci era a brasa da contabilidade, olhos castanhos amendoados, sobranceiras finas, cabelo castanho liso, um pouco abaixo dos ombros, nariz afilado e lábios carnudos, maminhas durinhas a apontar para o céu, e umas pernas compridas que não podiam ser reais. Chamava-se Cátia e era parecida com a Monica Bellucci, a actriz italiana que fazia de Cleópatra no último *Astérix & Obélix*. Por isso lhe tinham dado aquela alcunha no banco.

Cátia olhou em redor. Não havia mesas vagas. Ele observou-a, esperançado. Os olhos dela cruzaram-se com os de Zé. Acenou-lhe, da porta, e Zé fez-lhe sinal para que se juntasse a ele. Cátia hesitou. *Vem para aqui, vem para aqui, vem para aqui...* Ela decidiu-se e foi ao seu encontro. *Yes!*, exultou, como quem marca um ponto.

— Olá, Figueiredo — cumprimentou-o, fazendo uma boquinha queridinha que lhe derreteu o coração. — Será que se importa de oferecer um lugarzinho a esta pobre esfomeada sem mesa?

Se me importo?, pensou, *eu até pagava para te sentares aqui.*

— É claro que não! — disse, erguendo-se ligeiramente da cadeira, talvez um pouco depressa de mais, apontando para a que estava livre. — Sente-se, Cátia.

— Ai, que bom, obrigada, é tão difícil arranjar um lugar a esta hora.

— Veio sozinha? — perguntou. E pensou: *Não, Zé, veio com o amigo invisível. Parece que és estúpido.* Foi o que lhe saiu. Paciência.

— Vim — confirmou Cátia. — Não arranjei ninguém para vir comigo.

— Não? — estranhou.

— Não — sorriu. — Porquê?

— Por nada, quero dizer, há tanta gente...

— Não somos assim tantos, no meu departamento.

— Pois — abanou a cabeça —, pois não.

— E eu fiquei a acabar uma coisa, quando dei por mim, já não estava lá ninguém.

Fez-se um silêncio. Zé teve vontade de lhe perguntar como é que uma rapariga como ela, inteligente, linda de morrer, umas pernas compridas que não podiam ser reais, acabava enfiada num gabinete de um banco? Como é que ela não era manequim, estrela de cinema ou... hospedeira? Mas isso soou-lhe a conversa de engate, num bar, talvez, à uma e meia da manhã e agora era uma e meia da tarde e estavam numa pastelaria. Além de que lhe pareceu que a conversa da treta não seria propriamente a melhor estratégia para a cativar, fosse a que hora fosse.

Veio o empregado, graças a Deus, e o assunto mudou para a sopa.

— Está óptima — recomendou Zé. — Peça à vontade.

— Pode ser — concedeu ela —, mas não muito quente.

O empregado foi-se. Novo silêncio, e Zé a começar a ficar embaraçado. Que gaita, ela devia achá-lo um idiota chapado. Tamborilou os dedos nos lábios, ao mesmo tempo que pensava desesperadamente em qualquer coisa inteligente para lhe dizer. Do que ele gostava mesmo era que o cretino do Pestana aparecesse ali agora e o visse na companhia de Cátia. Caíam-lhe os tomates ao chão, pensou.

— O que é que está a pensar, Figueiredo? — perguntou Cátia, interrompendo-lhe o devaneio.

— Hã, eu? Nada de especial.

— Ah, é que estava com um ar tão concentrado.

— Estava na Lua, não estava? — sorriu, sem graça.

— Parecia.

— Pois, não, estava a pensar que... como é que você não é casada? — Nem podia acreditar que tivesse dito aquilo. Ela abriu muito os olhos e soltou uma risadinha:

— Porquê?!

— Porque... porque, sei lá, porque uma rapariga como você não deve ter falta de pretendentes.

— Não?

— Não. — Ela não estava a facilitar-lhe a vida. Era para aprender a estar calado. — Quer dizer, você é bonita, simpática... — Sorriu, a pensar, *Que idiota, meu Deus*.

— Que simpático.

— Não, a sério, não estou com certeza a dar-lhe nenhuma novidade.

— É sempre bom ouvir essas coisas. Mas, olhe, vou dizer-lhe um segredo — inclinou-se um pouco para a frente. Zé fez o mesmo.

— Uma sopa não muito quente e uma água natural sem gás — interrompeu o empregado, colocando as coisas na mesa.

— Obrigada — agradeceu ela, endireitando-se na cadeira enquanto o homem a servia. — Como eu estava a dizer — voltou a inclinar-se para a frente, logo que o empregado se retirou —, em primeiro lugar não há muitos homens realmente interessados em casar.

— Não? — estranhou Zé.

— Não — confirmou. — Normalmente, estão mais interessados numa mulher só para o que é que é. — *Uau!*, pensou ele, a conversa está a aquecer. — Em segundo lugar — continuou Cátia —, isto de ser bonita não é tão fácil como se julga. A maior parte dos homens sente-se intimidada e nem se aproxima.

— A sério? — disse. *Eu que o diga*, pensou.

— A sério e isso é... olhe — fez um gesto com a cabeça na direção da porta —, aqueles não são os seus colegas?

Eram mesmo. Caramba, que sorte, lindo!

— São — assentiu Zé. — Acenou-lhes e voltou a concentrar-se nela, sem lhes prestar muita atenção. Os colegas acenaram também e foram até ao balcão.

Depois Zé não ouviu mais nada do que Cátia disse. Esteve sempre com um olho no balcão. Lá estava o Pestana, a beber a bica, a espreitar por cima da chávena, a segredar qualquer coisa aos outros, os outros a olharem de esguelha para a mesa deles, a virarem-se para o Pestana, a fazerem que sim com a cabeça. Aquilo seria um sinal de aprovação? Estaria ele a detectar sinais de admiração da parte dos colegas?

— Veja lá — disse Cátia — se quer ir ter com os seus colegas...

— Não, de maneira nenhuma. Estava a dizer?

— Estava a dizer que... — Mas Zé não a ouvia. Eles a olharem. Quis mostrar-se mais informal, mais íntimo. Atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhadinha, como se estivessem os dois a gozar à brava. Assim como assim, como não tinha a menor hipótese de levar alguma coisa de uma mulher como a Bellucci, pelo menos que ela lhe servisse para deixar o Pestana na merda.

Quem é que é o cara de cu agora, há?

— De que é que se está a rir? — espantou-se Cátia. — Acha assim tanta graça ao meu problema?

— Não, não, é claro que não. — Pôs-se sério. — Problema?

Voltaram para o banco em ritmo de passeio. Cátia parecia bastante agradada com a companhia dele e Zé sentiu-se bem como não lhe acontecia há muito.

— Figueireedo! — esganiçou-se o colega, quando Zé voltou do almoço — O que era aquilo que eu vi?!

— Aquilo, o quê? — disse Zé, sentando-se à secretária.

— Aquiiilo! — Pestana abriu os braços. Não era óbvio? — Tu e a Bellucci a almoçarem.

— Ah, isso... — Encolheu os ombros. — O que é que tem?

— O que é que tem?! Estás a gozar comigo?

— Não, o que é que tem? — Colocou as mãos atrás da cabeça e rodou a cadeira, ficando de frente para o Pestana. — Sou amigo dela.

— Ai, és?

— Sou. — Pronto, não se podia dizer que fosse um amigo muito chegado, mas, tecnicamente, não era mentira nenhuma.

E mesmo que fosse, só para fazer inveja ao colega, até estava capaz de lhe dizer que a conhecia desde pequenina.

Atirou-se que nem um leão ao relatório da agência de Setúbal. Ficaria pronto ainda hoje, sem problema.

Plim! A palavra *message* começou a piscar no computador de Zé.

«Olá, colega de almoço.»

Não é possível! Zé ficou a olhar para o ecrã, hipnotizado.

«Está aí alguém?»

Escreve qualquer coisa, Zé.

«Olááá!!!»

Escreveu. Uma resposta jovial, estava bem.

«É só para dizer que eu não sou casada, mas já vivi com um namorado.»

«Ah, bom... coisa recente?»

«Sim.»

«Estou a ver.»

«Pois... era bom mas acabou-se.»

«Não se preocupe. Há-de aparecer-lhe outro muito melhor.»

«Obrigada pela simpatia.»

«De nada.»

«Se todos fossem assim como você...»

Se todos fossem assim como eu? O que é que ela queria dizer com aquilo?

«Assim, como?»

«Assim, simpático, compreensivo.»

«Ah... pois.»

«Figueiredo, será que podemos almoçar outra vez, se quiser, claro. Um dia destes, talvez...»

É claro que podemos, pensou. Espera... E se fosse alguém do departamento a gozar com ele? Ergueu-se na cadeira e espreitou por cima do computador, investigando os colegas. Não, que estupidez, como é que eles sabem do que eu falei com ela ao almoço?

É mesmo ela, claro está que é.

«Claro, amanhã?»

«Então, está combinado. Amanhã. Beijos.»

«Beijos.»

Beijos? Beijos?!?! *A Bellucci a mandar-me beijos?!* Deixou-se cair para trás na cadeira, extasiado.

Não conseguiu acabar o relatório da agência de Setúbal. Nem lhe tocou, como é que podia? Ficou o resto da tarde a olhar para o ecrã do computador e a sonhar, em contemplação informática. Fantasias. Imaginou que do próximo almoço ia nascer uma cumplicidade profunda entre eles e que ia convidar Cátia para um cafezinho depois do trabalho e ela ia dizer logo que sim, ansiosa por passar umas horas a sós com ele. Iriam encontrar-se furtivamente num café de bairro, cheio de velhos indecentes a fingirem que liam *A Bola* enquanto espreitavam por cima do jornal e se babavam a admirar as pernas dela. Viu-a a fixá-lo com uns olhinhos suplicantes e a dizer-lhe, entre o fumo dos seus cigarros, que não aguentava mais, que precisava de o ter só para ela, que queria unir-se a ele para serem como duas almas gémeas. Iriam para casa dela, fariam amor urgente e acabariam os dois nus na cozinha, com a porta do frigorífico aberta, a fazerem coisas esquisitas um ao outro, a besuntarem-se com as compotas e o mel, como no filme *Nove Semanas e Meia*. Ah, como era bom sonhar...

TIAGO REBELO

- Figueiredo?
- Sim, chefe?
- A dormir em serviço?
- Não, chefe, só estava a...
- O meu relatório, já está pronto?
- Praticamente, chefe, praticamente.